

não sabemos se os vamos repetir, não sabemos se amanhã teremos a ocasião de voltar a fazê-lo, de viver uma autenticidade e poder dizer "acabei", "acabou-se", "*consumatum est*". Na minha vida fiz o que pude, mas já não há nada mais que fazer. Esta paz da consciência de que eu não fiz grandes coisas, não realizei grandes feitos, mas fiz o que pude: "*consumatum est*", a minha vida cumpriu-se, chegou ao seu fim, acabou. A descoberta do fim é o princípio da sabedoria.

VII. «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.»

Sétima e última palavra. Diz o evangelista que, com voz forte e potente tirada da fraqueza, diz de novo, repetindo a palavra inicial, "*Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.*" Ao dizer "*Pai*" ultrapassa todo o desespero. Ao dizer "*entrego o meu espírito*" sublinha a sua personalidade única em cada um de nós. Entrega-se livremente: a liberdade é o máximo valor do homem: "*Nas tuas mãos entrego o meu espírito.*" Sentiu-se abandonado e, no entanto, agora tenta dizer mais uma vez: "há algo superior em mim". O homem é divino, mas não é Deus. Este Deus superior e onipotente é uma criação, um símbolo que nos serve para muitas coisas, mas que não é real, e isto deveríamos ver precisamente nestas palavras de Cristo na Cruz que, aos meus olhos, é a quinta-essência da mensagem de Cristo, e nestes momentos de crise vista sob muitos ângulos, talvez fiquem estas palavras de um homem que aparentemente fracassou mas que, passados vinte séculos, continua a inspirar tantas pessoas crentes, bem como os chamados não-crentes. Eu conheço mais crentes de verdade fora do Cristianismo do que crentes no Cristianismo, uma vez que rapidamente confundem a fé com uma racionalização dela. A fé não tem porquê, a fé é espontânea, é conhecimento e a consciência da nossa divindade última e suprema. E acredito que, neste sentido, as sete palavras, e depois os comentários mais importantes, são aquelas que chegam ao coração, e isto, acho eu, é a música. Precisamente, a união das palavras, que tem tido tanta tradição no Cristianismo, as sete palavras de Cristo com a música são a mensagem superior que se possa ter.

Tradução: Gilbert Bofill i Ball

1. É de longa data a tradição, na Igreja Católica, de em 6ª Feira Santa, fazer memória da Paixão e Morte de Jesus Cristo. Lê-se o relato da Paixão, segundo S. João, faz-se a Adoração da Cruz, percorre-se e medita-se a Via-sacra, medita-se as Sete Palavras de Cristo na Cruz.

2. Como preparação pascal, nesta noite de 6ª feira, faremos o exercício espiritual de meditar as Sete palavras de Cristo na Cruz. Para tal, passamos um DVD, no qual temos a oportunidade de ver imagens de 6ª Feira Santa, na cidade espanhola de Cádiz, ouvir os comentários espirituais a cada uma das Palavras de Cristo, pelo padre e teólogo Raimon Panikkar e ouvir a música de Joseph Haydn, considerada uma obra emblemática da música universal.

3. Esta obra resulta de uma encomenda efectuada pelo padre José Santamaria, pessoa de enorme fortuna. Como herdeiro único, já que o seu irmão mais velho morreu cedo sem deixar descendentes, o padre Santamaria doou metade dos seus bens aos pobres e a outra metade aplicou-a em actividades em que a religião e a cultura estiveram sempre irmanadas. Fruto da sua generosidade, espiritualidade e cultura resulta a renovação da igreja de Cádiz (O célebre Oratório de Santa Cueva).

4. A conjugação destes acontecimentos na cidade de Cádiz não resulta apenas do interesse da parte do padre Santamaria, mas integra-se no ambiente de esplendor, riqueza e cosmopolitismo que era marca da cidade. Recorde-se que foi de Cádiz que Cristóvão Colombo partiu para a sua terceira viagem às Américas e que pelo porto de Cádiz passava grande parte do fluxo comercial entre Espanha e as Américas.

5. Os comentários espirituais às Palavras de Cristo na Cruz são o produto da reflexão do teólogo Raimon Panikkar. Nasceu em Barcelona, em 1918, filho de mãe catalã e de pai hindu. Estudou química, filosofia e teologia. É um dos teólogos impulsionadores do diálogo inter-religioso. Chamamos a atenção para as diferentes expressões corporais de Panikkar reveladoras de uma profunda serenidade e paz interior.

6. Sexta-Feira Santa, dia da Paixão e Morte de Jesus, experiência única que ganha toda a plenitude e sentido no Domingo da Ressurreição. Que a meditação das Sete Palavras de Cristo na Cruz, revestida pela música de Haydn nos conduza a um nível de espiritualidade e interioridade, e nos permita vivenciar de forma mais elevada a Quaresma e a Páscoa deste ano de 2010, ano da Missão.

7. "A história do Cristianismo é um drama acerca das palavras e do seu sentido, do sentido da Palavra de Deus e das nossas próprias palavras. O clímax deste drama é constituído pelas últimas palavras de Jesus na cruz. No Domingo de Páscoa, a Palavra ergueu-se de entre os mortos. A Palavra não ficou silenciada. Estas sete últimas palavras continuam vivas. A fé na ressurreição significa que o silêncio do túmulo foi rompido para sempre e que estas sete palavras não foram as últimas. Agora, somos nós quem deve continuar a romper o silêncio das sepulturas dos homens, das forças da morte" (*Timothy Radcliffe*).



A PALAVRA COM MÚSICA

6ª feira ♦ 12.03.2010

I

[Evangelho segundo São João 19,17-18]

E eles tomaram conta de Jesus. Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz Gólgota, onde o crucificaram,

[Evangelho segundo São Lucas 23,33-34]

e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda.

Jesus dizia:

«Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.»

II

[Evangelho segundo São Lucas 23,39-43]

Ora, um dos malfeitores que tinham sido crucificados insultava-o, dizendo: «Não és Tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós também.» Mas o outro, tomando a palavra, repreendeu-o: «Nem sequer temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício? Quanto a nós, fez-se justiça, pois recebemos o castigo que as nossas acções mereciam; mas Ele nada praticou de condenável.» E acrescentou: «Jesus, lembra-te de mim, quando estiveres no teu Reino.» Ele respondeu-lhe:

«Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso.»

III

[Evangelho segundo São João 19,25-27]

Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã da sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe:

«Mulher, eis aí o teu filho!»

IV

[Evangelho segundo São Mateus 27,45-46]

Desde o meio-dia até às três horas da tarde, as trevas envolveram toda a terra. Cerca das três horas da tarde, Jesus clamou com voz forte: Eli, Eli, lemá sabacthání?, isto é:

Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?

V

[Evangelho segundo São João 19,28]

Depois disso, Jesus, sabendo que tudo se consumara, para se cumprir totalmente a Escritura, disse:

«Tenho sede!»

VI

[Evangelho segundo São João 19,29-30]

Havia ali uma vasilha cheia de vinagre. Então, esopando no vinagre uma esponja fixada num ramo de hisopo, chegaram-lha à boca. Quando tomou o vinagre, Jesus disse:

«Está consumado.»

VII

[Evangelho segundo São Lucas 23,44-46]

...as trevas cobriram toda a região... O Sol tinha-se eclipsado e o véu do templo rasgou-se ao meio. Dando um forte grito, Jesus exclamou:

«Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.»

O COMENTÁRIO

ÀS SETE PALAVRAS DE CRISTO NA CRUZ

Raimon Panikkar

I. «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.»

A primeira palavra começa com dois pontos-chave, essenciais: o primeiro é *Pai*, que também é a última palavra. Deus é pai, não é avô, não é antecessor, é o criador directo de cada

um de nós. E depois, o *perdão*, "não sabem o que fazem". Sabemos nós o que fazemos? Sem perdão não há paz na Terra. A lei do karma fica iluminada só com o perdão. "*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*"; mas quem sabe o que fazemos? Não o sabemos, deixamo-nos levar; por isso, o perdão torna-se possível e, por isso, o perdão é a essência do Cristianismo: sem perdão não há paz na Terra nem alegria nos corações.

II. «Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso.»

A segunda palavra é a actualização deste perdão: "*Hoje estarás comigo no Paraíso*." Cristo não lhe pede que se arrependa, não lhe pede nada, foi um criminoso ao longo de toda a sua vida, foi condenado com justiça, mas reconhece que há uma justiça que o condena e aceita a sua sorte. Hoje, não amanhã, o Paraíso não é para amanhã. A vida é o eterno presente de cada um de nós e alguém inventou essa palavrinha que é a "sempeternidade", que não é um tempo que vem após a eternidade, o qual não existe, mas é poder viver em plenitude cada instante e cada momento. Portanto, segundo a promessa de Cristo de que "*hoje estarás comigo no Paraíso*", o Paraíso é aqui e agora.

III. «Mulher, eis aí o teu filho!»

A terceira palavra de Cristo na Cruz tem duas interpretações: uma clássica e outra mais actual, pela qual me inclino, mesmo sem negar a primeira. A primeira interpretação, mais tradicional, quando Jesus diz a João e a Maria: "*eis aí o teu filho, eis aí tua mãe*", é a do desprendimento: Cristo vai, nu, mais uma vez dar a sua vida pelos homens e desprende-se de tudo. Os seus únicos laços que tinha eram para com a sua mãe, e diz: "*eis aí tua mãe, eis o teu filho*." Desprendimento. Mas a segunda interpretação é o valor fundamental do amor humano, e o amor humano de Jesus era para com a sua mãe, e o amor humano de João que Jesus lhe passa é para ficar com a sua mãe. Não se pode viver sem mãe. O que, traduzido, significa: não se pode viver sem amor, é tão simples quanto isto, e por isso não quer que João fique totalmente órfão e lhe diz: "*eis aí tua mãe*". Esta é a minha interpretação, não a do desprendimento, uma vez que se desprende da família, mas

Jesus diz-lhe: "A ti, que foste o meu discípulo amado, dou-te agora a tua mãe para teres uma vida plena." Não se pode viver, repito, sem mãe, sem amor.

IV. Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?

Esta quarta palavra também foi possivelmente mal traduzida. Jesus é homem, homem pleno e homem completo, e homem divinizado, que é o que todos nós somos em potência, no mínimo, e em esperança. Não faz comédia: fala no dialecto da sua terra, que os ali presentes nem percebem: as pessoas de Jerusalém não percebem o dialecto da Galileia. "*Eli, Eli, lamá sabactáni*", que depois é traduzido, para não escandalizar, por "*Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste?*" É o grito de angústia do homem que vê que a sua vida é, aparentemente, um fracasso, e por isso as palavras de Cristo revelam esta profundidade do coração humano. As traduções de *Eli, Eli* e as palavras que se seguem e que não se sabe exactamente o que são, dizem "Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste?" Ser homem não é uma comédia, ser humano é o que há, e precisamente um Deus onnipotente não existe, além de ser uma má tradução; o que existe é este caminho da realização, da divinização, da infinidade de cada um de nós que podemos sê-lo, e por isso nenhum homem é feliz até ter descoberto este núcleo infinito que bate no seu coração, um núcleo infinito que só é realizado em parte e muito imperfeitamente no amor que não deixa de ser, em todo momento, a quinta-essência do Cristianismo.

V. «Tenho sede!»

A quinta palavra não pode ser mais humana. Não é como tem sido interpretada, de uma maneira um pouco idealizante, no sentido de ter sede de Deus, de ter sede dos homens, não: tem sede física e fisiológica, que é o que significa o tormento da paixão. Tem sede. Sede. E não tem vergonha de o dizer.

VI. «Está consumado.»

Em grego diz-se "*tetelestai*", e a tradução comumente aceite é "*consumatum est*", está consumado, tudo está feito, chegou ao seu fim, acabou-se. Uma vida que se prolongasse seria horrorosa. Precisamente a morte é o acontecimento que dá profundidade e unicidade a cada um dos nossos actos porque